



REVISTA

Cadernos de Educação

FaE | PPGE | UFPel

ARTIGO | Fluxo contínuo

A Audiodescrição como Tecnologia Assistiva para a Acessibilidade Comunicacional em um Evento Virtual sobre Educação

Audio description as Assistive Technology for Communicational Accessibility in a Virtual Education Event
La Audiodescripción como Tecnología Auxiliar para la Accesibilidad Comunicacional en un Evento Virtual sobre Educación

Luciana Tavares Perdigão
Felipe Vieira Monteiro
Ediclea Mascarenhas Fernandes

RESUMO

Este relato apresenta as etapas da produção da audiodescrição, a importância da consultoria de uma pessoa com deficiência visual e a dinâmica da comissão de acessibilidade da 14ª Reunião da ANPEd – Sudeste - Direito à vida, direito à educação em tempos de pandemia. A metodologia descritiva identificou as necessidades de adaptação dos instrumentos de divulgação e realização do evento, tais como a acessibilização do *site* e dos vídeos de divulgação, além dos *cards* informativos e das capas dos livros para o lançamento. Consideramos que trabalhar com os recursos de acessibilidade desde o planejamento do evento é um avanço rumo à inclusão de pessoas com deficiência.

Palavras-chave: pessoas com deficiência visual; acessibilidade; educação especial inclusiva; audiodescrição.

ABSTRACT

This report presents the stages of audio description production, the importance of consulting a visually impaired person and the dynamics of an accessibility commission of “14th ANPEd Meeting – Southeast - Right to life, right to education in times of pandemic”. The descriptive methodology identified the need to adapt the instruments for publicizing and holding the event, such as accessing the website and publicity videos, in addition to informative cards and book covers for the launch. We consider that working with accessibility resources from the planning of the event is an advance towards the inclusion of people with disabilities.

Keywords: visually impaired people; accessibility; inclusive special

education; audio description.

RESUMEN

Este informe presenta las etapas de producción de una audiodescripción, la importancia de consultar a una persona con discapacidad visual y la dinámica de la comisión de accesibilidad del "14° Encuentro ANPEd – Sureste - Derecho a la vida, derecho a la educación en tiempos de pandemia". La metodología descriptiva identificó la necesidad de adecuar los instrumentos para la divulgación y realización del evento, como acceso a la página web y videos publicitarios, además de tarjetas informativas y portadas de libros para el lanzamiento. Consideramos que trabajar los recursos de accesibilidad desde la planificación del evento es un avance hacia la inclusión de las personas con discapacidad.

Palabras-clave: personas con discapacidad visual; accesibilidad; educación especial inclusiva; audiodescripción.

Introdução

O desenvolvimento da ciência, da educação e da cultura deve considerar a participação democrática de todos com liberdade e justiça social. Pautada nesses princípios, a ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (2020) - vem promovendo debates entre seus pesquisadores, através de fóruns regionais. Dentre eles, a ANPEd Sudeste.

Entre os dias 30 de novembro e 3 de dezembro de 2020, a ANPEd Sudeste realizou sua 14ª. reunião regional que teve como tema central "Direito à vida, direito à educação em tempos de pandemia". A Comissão Local decidiu pela realização do evento de forma remota, considerando a análise dos cenários da pandemia, realizada pelos epidemiologistas da Universidade e partilhada por outros pesquisadores. (ANPEd Sudeste, 2020)

A organização das atividades de apresentação de trabalhos foi de responsabilidade dos Grupos de Trabalhos (GT) da ANPEd Nacional e essa edição foi a primeira que contou com uma Comissão de Acessibilidade, composta por 12 participantes composta por pessoas com e sem deficiência (ANPEd Sudeste, 2020). Uma das tarefas desta comissão foi a produção de audiodescrição (AD) como um dos recursos de acessibilidade aos conteúdos e materiais de divulgação e apresentação.

Diante do exposto, este trabalho apresenta um relato de experiência vivida no processo de produção do evento, cujo objetivo foi analisar as situações que permeiam a exploração da AD para evento científico *online*.

O presente relato foi organizado iniciando com a pesquisa bibliográfica sobre AD, como recurso de tecnologia assistiva e consultoria em AD, seguido

do relato de experiência, na qual realizamos observação participante enquanto pesquisadores e membros da Comissão de Acessibilidade, atuando como audiodescritora e consultor, da ANPEd Sudeste. Por fim, apresentamos as considerações finais, revelando a importância do trabalho dessa Comissão para o planejamento do evento, que considerou a produção da AD de imagens, desde o início, promovendo a acessibilidade desses recursos para os participantes com deficiência no evento.

A AD como recurso de tecnologia assistiva

A utilização de recursos imagéticos e audiovisuais é comprovadamente eficaz para divulgação e promoção de eventos. Esses recursos, porém, devem ser acessíveis para atender à diversidade do público. Uma alternativa para a produção dessa acessibilidade é a utilização da audiodescrição.

A AD é um recurso de tecnologia assistiva fundamentada na tradução intersemiótica “que permite o acesso à informação, à comunicação, à educação, ao lazer e à cultura através da transformação das imagens em palavras de forma clara, concisa, coesa, específica e vívida” (PERDIGÃO, 2017, p. 38). Jakobson (2007, apud VERGARA-NUNES, 2016, p. 67) define a tradução intersemiótica como uma “interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais”.

De acordo com Lima e Tavares (2010), a AD é um gênero tradutório que exprime, em palavras escritas ou oralizadas, aquilo que é visível e busca promover o empoderamento de pessoas com deficiência.

No contexto da produção de eventos, a AD aplica-se a

eventos culturais, gravados ou ao vivo, como: peças de teatro, programas de TV, exposições, mostras, musicais, óperas, desfiles e espetáculos de dança; eventos turísticos, esportivos, pedagógicos e científicos tais como aulas, seminários, congressos, palestras, feiras e outros, por meio de informação sonora. (MOTTA e ROMEU FILHO, 2010, p. 07).

Os roteiros de AD para eventos devem ser elaborados previamente, desde as peças de divulgação até os *slides*, vídeos, caracterização dos palestrantes, entre outros. De acordo com Motta e Romeu Filho (2010) a AD amplia o entendimento da pessoa com deficiência visual além de garantir o direito de acesso à informação e à comunicação. Trata-se de um gênero

tradutório intersemiótico que transforma imagens em palavras, podendo ser disponibilizada através da palavra visual, háptica e sonora (LIMA, 2013)

Originalmente desenvolvida para incluir pessoas com deficiência visual, a AD vem demonstrando grande potencial para beneficiar também pessoas com deficiência intelectual, pessoas idosas e pessoas disléxicas. O reconhecimento como um recurso de tecnologia assistiva, na área da comunicação, deu-se através do Decreto Federal 5296/2004. (SEEMANN, LIMA e LIMA, 2012).

Segundo Mary Pat Radabaugh, ex-diretora do Centro Nacional de Apoio às Pessoas com Deficiência da multinacional IBM - International Business Machines,

para as pessoas sem deficiência, as tecnologias tornam as coisas mais fáceis; entretanto, para as pessoas com deficiência, as tecnologias tornam as coisas possíveis” (UNITED STATES OF AMERICA, 1993 *apud* VERGARA-NUNES, 2016, p. 91).

Sob o ponto de vista dos suportes profissional, acadêmico e pessoal, qualquer tecnologia pode ser considerada assistiva a partir do momento em que auxilia as pessoas na realização de atividades diversas. Porém, o termo "assistivo" acabou sendo adotado pela comunidade científica ao tratar de auxílio à pessoa com deficiência ou limitações temporárias.

Tecnologia assistiva é, pois, a aplicação de conhecimentos a serviço da resolução de problemas funcionais encontrados por pessoas com deficiência. A tecnologia assistiva propõe romper barreiras externas que impedem a atuação e participação das pessoas com deficiência em atividades e espaços de seu interesse e necessidade (BERSCH, 2009, p. 21).

A Tecnologia Assistiva é, portanto, uma área do conhecimento, de caráter interdisciplinar, que tem como objetivo, entre outros, promover a funcionalidade. No caso da AD, o processo de produção dessa tecnologia é iniciado pelo audiodescritor roteirista. Este é o um observador da imagem e atua como mediador selecionando o que é mais relevante para audiodescrever. Em adição a isso, de acordo com Vergara-Nunes (2016), o audiodescritor, baseado em suas escolhas tradutórias, também define a ordem da apresentação da imagem e o léxico a ser utilizado.

Importante destacar que a AD deve ser embasada em sólido aporte teórico. Segundo Lima e Tavares (2010), o audiodescritor precisa buscar

aperfeiçoamento contínuo e melhorar a tradução por meio de experiências empíricas. Os autores reforçam que

[o] áudio-descritores deve primar por sua formação continuada, frequentando cursos de formação, assistindo a produções áudio- descritas, participando de grupo de discussão a respeito da áudio-descrição, trocando experiência com áudio-descritores mais experientes etc. (LIMA e TAVARES, 2010, *online*)

Mesmo com toda experiência e todo aperfeiçoamento, o audiodescritor roteirista deve submeter seu trabalho para a análise de um consultor em AD. Nesse sentido percebe-se que o trabalho em AD envolve uma equipe de profissionais entre os quais podemos elencar:

- audiodescritor roteirista: profissional que elabora o roteiro, com base nas pesquisas realizadas com o autor da obra (se possível); estabelecendo as rubricas¹ para a locução e edição;
- audiodescritor locutor: quem vai emprestar a voz seguindo as orientações explicitadas no roteiro;
- audiodescritor consultor: pessoa com deficiência visual, com formação e experiência em revisão de roteiros, além de ampla bagagem cultural de consumo de produtos com AD;
- editor: no caso das produções audiovisuais, quem vai mixar a AD ao som original da obra, seguindo as orientações dadas pelo roteirista.

Cabe ressaltar que, nem sempre, as produções contam com todos esses profissionais na equipe. Muitas vezes o audiodescritor roteirista é o mesmo que elabora o roteiro, grava a locução e faz a edição final. Mas é fundamental organizar uma dupla de trabalho com o consultor. Por isso, vamos explicar melhor esse papel na seção a seguir.

A consultoria em AD

As pessoas com deficiência carregam triste histórico de segregação na sociedade na qual estão inseridas. No entanto, trabalhos na área da

¹ As rubricas são informações complementares para intervenções a serem realizadas pela equipe de audiodescrição. Um exemplo de rubrica para a locução é pedir um tipo de entonação ou velocidade em um trecho específico da audiodescrição.

acessibilidade, como o de consultoria em AD, têm colocado esse público em posição de protagonismo e visibilidade.

Atualmente, vivemos a perspectiva da inclusão. Com isso, conforme supracitado, o consultor em AD é um importante integrante da equipe de produção da AD. Esse profissional deve, necessariamente, ter deficiência visual (ser cego ou ter baixa visão). Do mesmo modo que os outros profissionais, deve ter formação técnica na área, vivência em meios culturais, tais como teatros, cinemas, salas de concertos, galerias, entre outros, além de ter bom domínio da língua e amplo vocabulário.

Os consultores em AD devem ser pessoas com deficiência visual pelo fato de, inicialmente, serem usuários do recurso. Corroborando esse pensamento, Monteiro (2018) afirma que as pessoas com deficiência são as maiores autoridades para dizer se um produto está de acordo com as especificidades do público que compõe a comunidade. Desse modo, esse pensamento caminha em direção ao lema ‘Nada sobre nós sem nós’ citado, pela primeira vez, por Charlton (2000), em seu livro de título homônimo e subtítulo ‘opressão à deficiência e empoderamento’. Este livro vem sendo largamente difundido pelo pesquisador Sasaki, considerado, por muitos, como o “pai da inclusão no Brasil”.

Nessa direção, Sasaki (2011) explica o significado do lema, no qual “nada” significa a ausência de resultados, leis, política pública, serviço, programa, campanha, projeto, edificação, financiamento, equipamento, aparelho, sistema, utensílio, benefício, estratégia etc. Sasaki (2011) ainda reforça que cada um desses itens engloba um ou mais campos de atividades, como educação, saúde, trabalho, transporte, reabilitação, lazer, esportes, recreação, cultura, turismo, religião e artes.

Na sequência, o pesquisador (2011) revela o significado do ‘sobre nós’, que se refere às pessoas com deficiência pertencentes a quaisquer etnias, raças, idades, gêneros, nacionalidades e/ou naturalidades. Também cita que a deficiência pode ser física, intelectual, visual, auditiva, psicossocial ou múltipla.

Por fim, Sasaki (2011) conclui o significado do lema mencionando que o ‘sem nós’ se refere a não participação das pessoas com deficiência que pode ser individual ou coletiva, mediante qualquer meio de comunicação, devendo ocorrer em qualquer fase do processo de elaboração de um produto.

Na perspectiva da participação do consultor em AD em qualquer fase de elaboração, Mianes (2012) alerta para o fato de que o consultor, necessariamente, deve estar presente em todas as etapas do processo de elaboração de um roteiro, que vai da concepção até o produto finalizado. No entanto, Sá (2015) alerta que os prazos exíguos e outras interferências contribuem para a dispensa do consultor. Essa autora (2015) segue afirmando que incorporar esse profissional é um desafio para o processo de profissionalização e de aprimoramento do recurso da AD brasileira.

Reforçando esses pensamentos, Sasaki (2011) lista etapas de elaboração nas quais a consultoria deve estar presente: refinamento, elaboração, acabamento, monitoramento, implementação, avaliação e contínuo aperfeiçoamento. Ressalta que todo o produto relacionado às pessoas com deficiência, obrigatoriamente, deve contar com a participação delas no processo de elaboração, independentemente da boa vontade das pessoas sem deficiência e dos órgãos públicos, das empresas, das instituições sociais e da sociedade em geral.

É preciso, portanto, contar com a análise técnica de um consultor, pois o documento oficial da Organização das Nações Unidas (ONU, 1975) declara que as organizações de pessoas com deficiência podem ser beneficentemente consultadas em quaisquer assuntos referentes aos direitos da comunidade.

Para o bom desenvolvimento do trabalho, como em qualquer área, é necessário que existam afinidades entre os envolvidos e flexibilidade de ideias em prol do trabalho que está sendo elaborado. Por isso o consultor deve ter boa relação profissional com o audiodescritor roteirista, desenvolvendo um trabalho de parceria até chegar a um consenso na finalização do roteiro.

O processo de produção da AD é composto por fases: inicialmente, o roteirista elabora um roteiro parcial que deve ser enviado para o consultor. Geralmente, o texto é encaminhado via e-mail, por algum aplicativo de troca de mensagens, ou por quaisquer meios combinados previamente entre os profissionais. Ao receber o roteiro, o consultor verificará, sentença por sentença, a coerência, clareza, inteligibilidade, vividez, isto é, apontará quaisquer problemas que possam causar ruídos ou dificuldades de compreensão e composição imagética do usuário do recurso.

Após a verificação completa do roteiro, o consultor deverá devolver o texto para o roteirista que verificará todas as considerações apontadas pelo profissional com deficiência visual. Os apontamentos acordados por ambas as partes serão absorvidos ao roteiro. As observações feitas pelo consultor que gerarem dúvidas no roteirista deverão ser sanadas por meio do retorno do roteiro ou, até mesmo, de uma chamada telefônica, de forma a chegar à conclusão do texto.

Ao encerrar esse processo, o roteiro pode ser enviado para o narrador fazer a narração gravada, ou ao vivo, de modo que chegue até o usuário. Nesse contexto, relataremos, na seção seguinte, como foi o processo de produção da AD para um evento sobre educação que ocorreu de forma totalmente à distância através das tecnologias digitais disponíveis.

Relato: a contribuição da AD em evento virtual

Em tempos de isolamento social por conta da pandemia do novo coronavírus, que assolou o mundo no ano de 2020, diversas alterações ocorreram na sociedade nas mais diferentes áreas, como a social, profissional e educacional. Nesse contexto, os eventos educacionais, que se mantiveram no cronograma do referido ano, necessitaram adequar-se à realidade do distanciamento, executando todas as atividades de forma virtual, a exemplo da Reunião Anual da ANPEd. A ANPEd é uma entidade sem fins lucrativos que reúne programas de pós-graduação *stricto sensu* em educação; professores e estudantes vinculados a estes programas; e demais pesquisadores da área. Ao longo de sua trajetória, a instituição (ANPEd, 2020a) consolidou uma prática acadêmico-científica que contribuiu para fomentar a investigação e fortalecer a pós-graduação em educação, promovendo o debate entre seus pesquisadores, bem como o apoio aos programas.

Com relevância nacional e internacional, a ANPEd precisou organizar seus espaços de debate por meio de fóruns regionais. Nesse sentido, o estatuto da instituição prevê, no seu artigo 39, que a organização e o funcionamento das reuniões científicas regionais serão definidos em resolução própria, aprovada em Assembleia Geral da instituição (ANPEd, 2015). Neste relato, a região Sudeste terá destaque pelo fato de ter contado, pela primeira vez, com uma Comissão de Acessibilidade.

Entre os dias 30 de novembro de 3 de dezembro de 2020, a ANPED Sudeste realizou a sua 14ª reunião regional. Organizada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) da Faculdade de Educação, o Programa de Pós-Graduação em Processos Formativos e Desigualdades Sociais (PPGedu) da Faculdade de Formação de Professores e o Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o evento teve como tema central "Direito à vida, direito à educação em tempos de pandemia".

A Comissão de Acessibilidade da 14ª Reunião Regional ANPED Sudeste, na edição ocorrida em 2020, contou com doze integrantes, dentre eles, uma audiodescritora roteirista e um consultor em AD. A comissão teve, entre outras atribuições, que produzir a AD de todas as imagens veiculadas na divulgação e realização do evento, que é o recorte deste relato de experiência.

A primeira fase deste trabalho foi a elaboração da AD da identidade visual do evento, que ocorreu após o consultor fazer uma visita no *site* de forma a entender quais itens deveriam ser audiodescritos. Essa análise ocorreu por meio da utilização de um *software* leitor de telas que converte as informações textuais em áudio por meio de vozes sintetizadas. Tal recurso é muito utilizado, principalmente pelas pessoas com deficiência visual, pois permite acesso ao conteúdo disponibilizado na *internet*, desde que esteja acessível.

A criação da identidade visual foi veiculada inicialmente no *site*, com uma página específica "sobre a arte do evento" (ANPED, 2020a). O *designer* autor da obra explica que buscou explorar o contexto atual do isolamento social e salientar o novo jeito de ver e estar no mundo, através dos *pixels* das telas dos computadores. Construiu, assim, uma grade de imagens organizadas em forma da região Sudeste.

Nas primeiras pesquisas, a audiodescritora roteirista identificou que a arte desta página tinha uma aplicação de cores distinta daquela da identidade que aparecia no topo do *site*. A paleta da identidade visual envolvia as cores vermelha, rosa, azul e roxa. Mas, no topo do *site*, a arte estava colocada sobre fundo vermelho com letras brancas e, na página "sobre a arte do evento", aparecia sobre o fundo branco com letras vermelhas. As imagens eram de

peças em situação de estudo e pesquisa, e também em autorretrato, usando máscara. O *site* convidava os participantes a enviarem fotos para compor a grade. Então, ficou a dúvida sobre se as imagens da identidade permaneceriam as mesmas ou se seriam trocadas. Além disso, na explicação, havia uma animação onde os elementos da identidade visual se agrupavam sobre as linhas do mapa da região Sudeste. Não se sabia, até aquele momento, se essas linhas faziam parte da identidade.

A audiodescritora, então, entrou em contato com o *designer*, para esclarecer essas dúvidas e, assim, dar início ao roteiro. Outra dúvida surgiu quanto à paleta de cores: por se tratar de uma arte digital, pode ocorrer variação nas tonalidades de cor, dependendo do dispositivo de visualização. Para o *designer*, uma das cores era o azul marinho, mas a audiodescritora visualizava roxo. Pesquisando com outras pessoas da equipe, que se reunia por meio de plataformas de videoconferência e aplicativo de troca de mensagens, ficou estabelecido que essa cor da paleta era roxa. Esse é um procedimento de boas práticas na audiodescrição, pois

Ter, quando possível, o autor da obra e um consultor como parceiros na construção do roteiro da tradução será sempre ação valorosa para todos os agentes integrados no campo da acessibilidade comunicacional. (LIMA e TAVARES, 2010, *online*).

Nesta perspectiva do trabalho em equipe, com as dúvidas esclarecidas, o roteiro foi escrito e enviado para o consultor. Esta é uma etapa que pode ter várias sub etapas de ajustes, até que audiodescritor e consultor cheguem a um consenso de que o roteiro está pronto para ser disponibilizado para o usuário. Por se tratar de imagem estática, pois a animação não fazia parte da arte, somente da explicação, o roteiro foi entregue para que o *designer* a inserisse como texto alternativo² no *site*. Assim, foi finalizada a AD da identidade visual do evento, disponibilizada na figura 1, como legenda para que todos tivessem acesso:

² O texto alternativo é um recurso disponível em documentos e ferramentas digitais para nomear e descrever uma imagem, de forma que esse texto fique oculto para os videntes e seja acessível por meio de *softwares* leitores. Para este estudo, foi utilizada a audiodescrição de forma aberta, logo após a fonte da imagem

Imagem 1 – Arte do evento.



Fonte: Site da Anped Sudeste.

AUDIODESCRIÇÃO DA ARTE DO EVENTO: Um mosaico de 30 quadrados pequenos e grandes, vermelhos, rosas, azuis, roxos e brancos estão organizados em forma do mapa da Região Sudeste. Oito dos pequenos são lisos e os 22 restantes estampam fotos de pessoas em ambientes de estudo: uns com cadernos e livros, outros com notebooks, computadores e outras tecnologias. Alguns usam máscaras faciais. Ao centro, em branco e sobre um retângulo vermelho: 14ª REUNIÃO REGIONAL. Em letras maiores, SUDESTE - ANPEd. No canto inferior direito, em vermelho: DIREITO À VIDA, DIREITO À EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA. FIM DA AUDIODESCRIÇÃO.

Ainda nessa primeira fase do trabalho, foi criada a versão resumida da AD da arte para ser utilizada nas peças de divulgação que tinham outros elementos a serem audiodescritos, como cards com fotografias dos palestrantes ou capas de livros. Decidiu-se pela versão resumida para que os roteiros para não causar cansaço de leitura aos usuários. Foi feita também a AD de uma ilustração do *site*.

A segunda fase do trabalho foi a elaboração das peças de divulgação do evento. Foi criado um cartaz multimídia, com vídeo depoimento dos colaboradores do evento, janela em libras e textos em animação. A primeira versão da arte foi entregue para a equipe de libras apenas com o vídeo depoimento e o espaço em preto para a janela de tradução, para que essa equipe pudesse gravar a tradução. A equipe sugeriu alguns ajustes de cores

para maior contraste e legibilidade, além da definição de que a janela de libras tivesse o mesmo tamanho que a janela do falante em português. Assim, foi preciso finalizar esses ajustes importantes para o roteiro de AD. Como a estrutura do cartaz fora aprovada, foi possível dar início ao roteiro com os elementos estruturais.

Uma das diretrizes da AD é ordenar os elementos a serem audiodescritos:

descrever de cima para baixo (top down), da esquerda para a direita, descrever de acordo o plano de perspectiva, do primeiro plano para os seguintes, sempre considerando o registro linguístico adequado e o público-alvo. (LIMA e TAVARES, 2010, *online*)

Nesta perspectiva, uma das escolhas tradutórias foi estabelecer quadrantes na peça, mesmo que ela não estivesse dividida igualmente, para facilitar e tornar a AD mais concisa. A audiodescritora roteirista criou também uma rubrica para a edição: como o cartaz já inicia tocando o vídeo de apresentação, foi sugerido no roteiro que a AD iniciasse com notas introdutórias "em off". Ou seja, foi inserido um *frame*³ de fundo preto, com a seguinte introdução: "audiodescrição de divulgação do evento". Só então começaria a animação de construção da arte. Apesar desse acréscimo na introdução, houve uma preocupação com a concisão da frase em off, pois

[a] audiodescrição deve ser fluida e concisa, pois o tempo necessário para o acesso de imagens pela audição (através da audiodescrição) é maior que o tempo necessário para o acesso às imagens via olhar. (Vergara-Nunes, 2016, p. 215)

A preocupação sempre foi a de elaborar roteiros que proporcionassem acesso à informação e, ao mesmo tempo, fossem agradáveis para todos os usuários. Com isso, outra escolha tradutória foi a de começar o roteiro, a partir do quadrante do título do evento, ao invés de fazê-lo a partir da *frame* com o fundo preto. Além do grau de importância, o quadrante anterior era o do vídeo onde o próprio apresentador fazia sua auto-audiodescrição. Neste, a audiodescritora escolheu traduzir como "*frame* congelado". Mas, na primeira

³ *Frame* ou quadro é uma imagem única e estática de um vídeo que, para produzir movimento, necessita de uma sequência de frames. O "frame congelado" é a captura e repetição desse mesmo frame, dando uma ideia de pausa na ação do vídeo.

revisão, o consultor considerou ser isso redundante e sugeriu "vídeo em pausa".

Depois que os ajustes de *design* foram finalizados, o roteiro completo foi enviado novamente para o consultor. Neste momento, não foi solicitado nenhum ajuste no roteiro pelo consultor, o que evidencia que adiantar a produção com a estrutura inicial da peça agilizou o processo. O roteiro, então, foi entregue para locução e edição. Porém, só com o produto editado é que foi verificado um erro na ordem da AD dos quadrantes. Foi preciso, então, ajustar o roteiro e fazer nova gravação de locução e edição, demonstrando que avaliações foram feitas durante todo o processo de produção. A partir dessa estrutura inicial, puderam ser elaborados novos cartazes sem a necessidade de criação de novos roteiros, pois os elementos que mudaram foram a auto-audiodescrição, no quadrante do vídeo do apresentador, e a AD do intérprete com alterações apenas das características físicas de cada intérprete que apareceu nos diversos cartazes elaborados.

Imagem 2 – Cartaz multimídia de divulgação do evento.



Fonte: Comissão de Acessibilidade da Anped Sudeste.

AUDIODESCRIÇÃO DO FRAME INICIAL: Vídeo com fundo roxo dividido em 4 quadrantes. Em sentido horário, o primeiro quadrante está no canto superior esquerdo. Sobre retângulo rosa, em branco: 14ª REUNIÃO REGIONAL. Em letras maiores, SUDESTE - ANPEd. No segundo quadrante, em branco: DIREITO À VIDA, DIREITO À EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE

PANDEMIA. Abaixo, sob uma linha branca, 30 de novembro a 3 de dezembro de 2020. No terceiro, vídeo em pausa da Laura Jane, intérprete de Libras. Ela é branca, cabelos curtos anelados e castanhos claros. Usa óculos. Está com uma blusa vermelha. O fundo é verde. No quarto, vídeo em pausa de Felipe Monteiro. Abaixo, em branco: www.bit.ly/anpedsudeste2020. FIM DA AUDIODESCRIÇÃO.

Além desses novos cartazes, foram criados outros, com uma estrutura diferente, nos quais o destaque é o vídeo em libras traduzido para o português. Foi necessário, assim, criar um modelo de roteiro, mas o processo de elaboração foi o mesmo. Portanto, a segunda fase do trabalho estava finalizada.

A terceira fase foi a da AD do encarte para lançamento de livros, que foi uma das atividades do evento. Como o documento tinha 45 páginas e 35 capas de livros, optamos por, mais uma vez, fazer a AD resumida das capas. A AD deste encarte, que era um arquivo compartilhado no formato pdf, foi dividida em quatro categorias: projeto gráfico, capa, páginas divisórias e capas. A organização da AD resumida das capas ficou assim:

1. Título, autor, editora;
2. Posicionamento dos elementos;
3. Breve descrição da imagem;
4. Fundo.

Para agilizar o processo, após o consenso entre audiodescritora roteirista e audiodescritor consultor, os roteiros foram sendo elaborados e entregues em grupos de 10 capas. Antes de finalizar essa fase do trabalho, ainda surgiu outra demanda: a AD dos cartazes de divulgação das mesas redondas do evento. Como a equipe de AD da Comissão era reduzida, como supracitado (uma audiodescritora e um consultor), a coordenadora da Comissão convidou um membro externo que se disponibilizou a colaborar elaborando os roteiros de audiodescrição dos encartes que não estavam planejadas, originalmente, na organização do evento. De toda forma, essa produção passou pela análise da audiodescritora roteirista e do audiodescritor consultor para que o roteiro pudesse seguir o padrão das demais peças.

Por exemplo, foi sugerido que o convidado trabalhasse com a organização da informação seguindo os posicionamentos do tipo "topo, meio, abaixo, rodapé". Foi sugerida, também, a utilização da AD resumida da identidade visual, pois os encartes contavam com outros elementos como

fotográficas dos autores e capas de livros. Com essas orientações, o convidado pode produzir os roteiros das novas peças e a última etapa do trabalho de AD foi concluída.

Ao longo de quatro meses, durante a etapa de produção do evento, foram elaborados 67 roteiros de AD envolvendo quatro profissionais (audiodescritora, consultor, locutora e membro externo), conforme quadro resumo a seguir (quadro 1):

Quadro 1 – Roteiros elaborados

TIPO	DESCRIÇÃO	ROTEIROS
Site	AD da Identidade visual e ilustrações do <i>site</i>	3
Divulgação	AD do vídeo de divulgação original e modelo para AD dos demais vídeos	4
Encarte	AD das capas dos livros no encarte de lançamentos	45
Cards	Revisão do modelo e produção de AD de <i>cards</i> de divulgação das mesas redondas do evento	15

Fonte: Produzido pelos autores.

Conclusão (considerações finais)

As pessoas com deficiência carregam histórico de marginalização durante nossa história, pois são milhares de anos vivendo de forma excludente em relação às pessoas sem deficiência. Todavia, essa realidade começa a dar os primeiros passos em direção a mudanças em meados da década de 70, na qual esse público passou a ser visto como potencial produtivo.

A partir dessa nova realidade, demandas, como a criação de instituições especializadas para o atendimento desse público, precisaram ser atendidas. Conseqüentemente, os recursos de tecnologia assistiva começaram a ser disponibilizados para que essas pessoas tivessem acesso aos espaços e informações de forma equânime às demais. A exemplo da AD, que permite o acesso a informações imagéticas por intermédio de profissionais tradutores, tais como o audiodescritor e o consultor, que convertem o que é visual em verbal.

Esse recurso de acessibilidade comunicacional – que está inserido no escopo da tradução intersemiótica, que converte informações do signo visual para o verbal – é garantido, de forma explícita, pela Lei brasileira de Inclusão/Estatuto da Pessoa com Deficiência (LBI), de 06 de julho de 2015 e

de número 13.146. (BRASIL, 2015). Portanto, diversas áreas de convívio das pessoas com deficiência devem disponibilizar tal recurso, inclusive a educacional.

Aponta-se, assim, os eventos que abordam as questões referentes à educação, como a 14ª reunião regional ANPED Sudeste, que se apresentou totalmente de forma remota por conta da pandemia do Coronavírus que ocorreu no ano de 2020 e assolou o mundo inteiro. Essa reunião constituiu-se como marco inédito por ser o primeiro que contou com uma Comissão de Acessibilidade.

Para que os recursos de acessibilidade sejam disponibilizados de maneira plena e de forma sincronizada para o respectivo público, é importante que todos da comissão trabalhem em parceria – coordenação, intérpretes de libras, audiodescritores e consultores. A elaboração de roteiros de AD para eventos deve ser considerada desde a etapa de planejamento. Um trabalho em parceria com a equipe de *design* facilita o processo de produção. É importante que toda a equipe conheça o processo, pois a AD envolve várias etapas e, muitas vezes, a equipe organizadora de um evento não considera o tempo necessário para esse tipo de trabalho. Foi preciso, por exemplo, capacitar um membro externo para a elaboração de roteiros das peças de divulgação das mesas redondas, que, por serem definidas às vésperas do evento, ficaram por último na etapa de criação. Uma sugestão para próximas edições do evento seria a criação antecipada de *templates* de todas as peças de divulgação. Assim a AD poderia ser também previamente produzida, ficando para as vésperas somente a AD dos dados e das fotografias dos palestrantes.

Concluindo, a comissão entende que muitos obstáculos ainda devem ser vencidos, como tempo exíguo para execução das tarefas de acessibilidade, falta de verba para investir em uma equipe de especialistas e barreiras atitudinais, como indisponibilidade de alguns autores para o trabalho de acessibilização dos conteúdos. No entanto, é preciso instituir práticas como essa para que, cada vez mais, as pessoas com deficiência sejam incluídas e que tenham sua autonomia e independência preservadas. Que esse trabalho sirva de exemplo mostrando uma etapa fundamental que outras comissões de acessibilidade de eventos acadêmicos devem incluir em sua organização.

Agradecimentos

Agradecemos aos Membros da Comissão de Acessibilidade da ANPEd Sudeste pelas contribuições e pela autorização de uso das imagens neste artigo.

Referências

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. 2020a. Disponível em: <https://anped.org.br/> Acesso em: 12 jan. 2021

ANPEd, Sudeste. 14a Reunião da ANPEd – Sudeste. Direito à vida, direito à educação em tempos de pandemia. 2020. Disponível em: <http://regionais.anped.org.br/sudeste2020/> .Acesso em: 12 jan. 2021

BERSCH, Rita Design de um serviço de tecnologia assistiva em escolas públicas. Tese. Universidade federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/18299/000728187.pdf> . Acesso em: 23 jun. 2023.

BRASIL. Lei n. 13.146, de 06 de julho de 2015. Brasília, 06 jul. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 18 jan. 2021.

CARLTON, James. Nothing About Us Without Us: Disability Oppression and Empowerment. University of California Press, August, 2000, 195p.

LIMA, Francisco; TAVARES, Fabiana. Subsídios para a construção de um código de conduta do áudio-descritor. Revista Brasileira de Tradução Visual (RBTv), vol. 5, n. 5, dez. 2010 [online]. Disponível em: <https://adww.online/rbtv/subsidios-para-a-construcao-de-um-codigo-de-conduta-profissional-do-audio-descritor/> Acesso em: 23 abr. 2015.

LIMA, Francisco; LIMA, Rosângela. O áudio-descritor em eventos educacionais e científicos: orientações para uma áudio-descrição simultânea. Revista Brasileira de Tradução Visual (RBTv), vol. 13, n. 13, [online]. 2013

MIANES, Felipe; SOARES, Mariana. De espectador a protagonista: a pessoa com deficiência visual como consultora em audiodescrição. Revista Brasileira de Tradução Visual – Eletrônica, n. 12, 2012 [online]. Disponível em: <https://adww.online/describe-it-online/de-espectador-a-protagonista-a-pessoa-com-deficiencia-visual-como-consultora-em-audiodescricao/>. Acesso em: 23 abr. 2015.

MONTEIRO, Felipe. Análise de lexias “tabus” na audiodescrição de imagens estáticas de sexo explícito no filme “A história da eternidade”. 2018 128f. TCC (Especialização em Tradução audiovisual acessível: audiodescrição) Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

Disponível em:

<https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=85501>.

Acesso em: 07 jan. 2021.

MOTTA, Livia. e ROMEU FILHO, Paulo. (orgs): Audiodescrição:

Transformando Imagens em Palavras. Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010, 255p. Disponível em:

https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/planejamento/prodama/arquivos/Livro_Audiodescricao.pdf. Acesso em: 07 jan. 2021.

PERDIGÃO, Luciana. Vendo com outros olhos: a audiodescrição no ensino superior a distância 2017, 155f. Dissertação, (Mestrado em Diversidade e Inclusão). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017. Disponível em: <

<http://cmpdi.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/186/2018/08/Disserta%C3%A7%C3%A3o-LucianaTavaresPerdig%C3%A3o.pdf> >.

Acesso em: 07 jan. 2021.

SÁ, Elizabeth. A consultoria na prática da audiodescrição: a perspectiva dos consultores com deficiência visual. 2015, 128f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Audiodescrição) Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

SASSAKI, Romeu. Nada sobre nós, sem nós: da integração à inclusão. 2011, 11p. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/01/nada-sobre-n%C3%93s-sem-n%C3%93s2.pdf>.

Acesso em: 07 jan. 2021.

SEEMANN, Paulo; LIMA, Francisco e LIMA, Rosângela. Áudio-descrição no acordo ortográfico da língua portuguesa: um estudo morfológico. Revista Brasileira de Tradução Visual, v. 13, 2012 [*online*]. Disponível em:

<https://adwww.online/rbtv/audio-descricao-no-acordo-ortografico-da-lingua-portuguesa-um-estudo-morfologico/>. Acesso em: 07 jan. 2021.

VERGARA-NUNES, E. Audiodescrição didática. 2016, 412 f. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/167796>. Acesso em: 07 jan. 2021.

Recebido em: 06/06/2022.

Aceito em: 02/06/2023.

Luciana Tavares Perdigão

Coordenadora do NAI – Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da Fundação Cecierj. Doutoranda em Ciências, Tecnologias e inclusão e Mestre em Diversidade e inclusão pela UFF (Universidade Federal Fluminense). Áreas de interesse: Ciência, Tecnologia e Educação. Subáreas: Educação a distância, Tecnologias assistivas, audiodescrição.



lucianaperdigao@id.uff.br



<http://lattes.cnpq.br/6610549161851715>



<https://orcid.org/0000-0002-5662-212X>

Felipe Vieira Monteiro

Doutorando em educação pela UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro-RJ). Mestre em Educação, Cultura e Comunicação em periferias urbanas pela FEBF (Faculdade de Educação da Baixada Fluminense) UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro-RJ). Áreas de interesse: Lingüística, Letras e Artes. Subáreas: Música e Audiodescrição.



consultorfelipemonteiro@gmail.com



<http://lattes.cnpq.br/9786358398823760>



<https://orcid.org/0000-0001-8814-9245>

Ediclea Mascarenhas Fernandes

Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Ciências pela FIOCRUZ, Mestre em Educação pela UERJ, Psicóloga pela UFRJ e Pedagoga pela UNIGRANRIO. Áreas de interesse: Educação Subáreas: Educação Inclusiva. Educação a Distância e Educação Especial.



professoraediclea.uerj@gmail.com



<http://lattes.cnpq.br/4769008821320295>



<https://orcid.org/0000-0003-3998-2016>